



GÊNERO DRAMÁTICO NA ESCOLA: *AUTO DA BARCA DO INFERNO*, DE GIL VICENTE

Amanda Taís Klaus ¹
Fabiola Hauch ²
Rosiene Almeida Souza Haetinger ³
Virgínia Schlabitz Strehl ⁴

O presente trabalho constitui-se em um relato de experiência de um planejamento que foi pensado e desenvolvido por residentes do subprojeto Interdisciplinar Letras Português e Letras Português/Inglês do Programa Residência Pedagógica da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Esse planejamento foi idealizado e criado com o intuito de ser aplicado com estudantes do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica Vidal de Negreiros, localizada em Estrela/RS, instituição parceira do Residência Pedagógica da Univates.

A proposta trouxe como objetivo levar uma obra do gênero dramático para os estudantes, a fim de que se familiarizassem ainda mais com o gênero – que já vinha sendo trabalhado em aula com a professora na escola – e conhecessem uma peça teatral significativa no meio literário. O trabalho com a peça foi feito a partir de diferentes perspectivas: escrita, oralidade, estrutura, gênero, autor, contexto da obra e como dialoga com o presente, dentre outros aspectos. Para colocar em prática o estudo do gênero dramático, decidiu-se trabalhar com a obra *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, o qual é considerado um auto de moralidade.

O referencial teórico utilizado conta com autores como Bortoni-Ricardo (2008) Antunes (2003), Bernardo (2013), Cosson (2006) e Freire (2021). Iniciamos a nossa prática com a observação das aulas para, depois, iniciar o planejamento. Nesse momento, relembramos a importância de atuar como um professor pesquisador, olhando para a própria prática. De acordo com a teoria de Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “o professor pesquisador

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade do Vale do Taquari e residente no Programa Residência Pedagógica, amanda.klaus@universo.univates.br;

² Graduada pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Taquari, fabiola.hauch@universo.univates.br;

³ Coordenadora do Subprojeto Interdisciplinar do Programa Residência Pedagógica da Universidade do Vale do Taquari, rosiene@univates.br;

⁴ Preceptora do Subprojeto Interdisciplinar do Programa Residência Pedagógica da Universidade do Vale do Taquari, virginiaschlabitzstrehl@gmail.com;



não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outro pesquisador, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais”.

Nesse sentido, o trabalho com a literatura, especificamente o texto literário de gênero dramático, traz um desafio por si só quando pensamos a literatura em sala de aula e como é possível trabalhar com ela. Encontramos em Cosson (2003) a questão de que muitas vezes há a recusa da literatura pelos estudantes e uma didatização dos conteúdos, num intuito conteudista do ensino. Então, como fazer para a literatura ser trabalhada a partir da sua potencialidade estética, cultural e humana? Já que a “(...) a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2003, p. 23).

Sabe-se que um leitor não nasce pronto, essa é uma construção que acontece ao longo da vida, alguns iniciam esse caminho mais cedo, outros mais tarde – e, infelizmente, alguns nem chegam a começar. Há de se ter paciência com os alunos e com essa construção. Bernardo (2013) fala sobre dois aspectos: o entusiasmo do professor ao dar aula, pois um professor que não é leitor não pode querer que seus alunos se tornem leitores; e não planejar a aula apenas em cima de livros didáticos, que priorizam muito mais a história da literatura do que a própria Literatura. No âmbito da formação de leitores, a autonomia de educadores e educandos só é possível nessa prática reflexiva do fazer docente: “(...) entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos” (FREIRE, 2021, p. 140).

Em todo o processo, realizamos leituras dos teóricos mencionados aqui, além de outros, para criar uma base que nos capacitasse a ir para a prática. As leituras das obras foram compartilhadas entre os alunos do RP, agregadas com momentos de formação, como palestras e encontros com profissionais da área. A cooperação e a troca entre os residentes do RP foi fundamental para a construção de conhecimentos e para exercitar a docência em sala de aula. O aporte da professora orientadora e das professoras preceptoras também possibilitou a segurança e o cuidado na aplicação de tudo o que foi planejado, além do compartilhamento do conhecimento e experiência das docentes.

Na Escola Estadual Vidal de Negreiros encontramos um cenário em que os alunos cursam o Ensino Médio à noite porque a maioria deles trabalha durante o dia. Diariamente, as professoras lidam com situações de cansaço, falta de motivação e muitas faltas. Quando olhamos para a discussão e resultados da prática, esse é um ponto que precisa ser levado em consideração. Isso também refletiu em nosso trabalho, principalmente pelas faltas de alguns alunos e pela falta de acompanhamento da evolução da disciplina.

Quanto ao trabalho docente em sala de aula com a obra *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, optamos por trabalhar com algumas cenas selecionadas da obra, com leitura, oralidade e encenação, com o intuito de que os alunos pudessem se familiarizar ainda mais com o gênero dramático e o teatro. As quatro aulas contaram com intervenções como introdução da obra e da biografia do autor, leitura de cenas da obra e encenação dos personagens, discussão sobre a interpretação da leitura e os personagens, teoria do gênero dramático, jogo da memória e produção textual.

Em geral, os alunos receberam bem as atividades e participaram, com exceção de uma minoria que, em determinados momentos, não quis participar ou faltava muito. A leitura oral encenada foi a primeira atividade e gerou até uma disputa saudável para ver quem encenaria qual personagem; mas, a atividade que mais envolveu a participação de todos foi o jogo da memória, em que eles precisavam encontrar os pares de perguntas e respostas ou dos personagens e suas características.

Sobre a teoria do gênero dramático, alguns alunos dissociavam que se tratava de literatura, inclusive, uma aluna perguntou quando teria aula de Literatura – pergunta que respondemos esclarecendo que o gênero dramático faz parte da Literatura. Tanto na oralidade como na escrita notamos alguns pontos como: leitura mais lenta e atrapalhada, com dificuldade de pronunciar algumas palavras, e sem entonação; na parte da produção textual os grupos também tiveram dificuldade para criar a história e escrever de maneira gramaticalmente correta.

A experiência da prática docente no RP leva o aluno de licenciatura para a realidade do professor na escola. Ao mesmo tempo em que aprendemos a desenvolver as habilidades necessárias para dar aula, nos deparamos com o inesperado. Outro ponto é dialogar com os alunos, especialmente aqueles que se mostram mais afastados, não querem participar das atividades, faltam muitas aulas. O contexto social tem um peso grande nesses casos, seja pela situação econômica e financeira ou de violência e vulnerabilidade, além de questões emocionais de convívio familiar.

O desafio em ser professor é diário. A relação dos alunos com as aulas de Literatura e Língua Portuguesa também se coloca como um ponto a ser observado: como fazer com que o aluno se interesse? Como desenvolver as habilidades propostas? Como levar a Literatura e a Língua Portuguesa para além da escola? Como formar leitores? Como trabalhar para que aqueles alunos se tornem sujeitos cada um com sua subjetividade no mundo? As perguntas são muitas, as respostas nem tantas, e esse é mais um exercício diário de ser professor.

Como resultado, consideramos que, pelo tempo que tivemos em sala de aula, foi possível realizar de maneira satisfatória um planejamento com foco na leitura literária, nesse caso, do gênero dramático da obra de Gil Vicente. Ao olhar para a prática docente, como futuras professoras, também podemos afirmar que programas de incentivo como o RP são fundamentais para nos preparar para o fazer docente.

O Programa de Residência Pedagógica (RP) é uma oportunidade que todos os alunos de licenciatura deveriam ter. Como residentes, deixamos o relato de que as vivências proporcionadas se colocam como um divisor para o futuro profissional. O (quase) professor que passa pelo RP sai com mais ferramentas e apto a construir em sala de aula uma educação que, pelo menos, possa ir ao encontro de levar a prática docente para a escola com um olhar de comprometimento com a educação e com a formação do sujeito.

Palavras-chave: Gênero dramático; Residência Pedagógica; Letras; Literatura; Leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Refletindo sobre a prática da aula de português. In: **Aula de português-encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 19-37.

BERNARDO, Gustavo. **Conversas com um professor de literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRODBECK, Cristiane Fensterseifer; OLIVEIRA, Sandra de. O imperativo da inovação e a produção da docência modos de ser professor(a). In: FABRIS, Elí Terezinha Henn; DAL'IGNA, Maria Cláudia; SILVA, Roberto Rafael Dias da (Org.). **Modos de ser docente no Brasil Contemporâneo: articulações entre pesquisa e formação** [e-book]. São Leopoldo: Oikos, 2018.

CORAZZA, Sandra Maria. **Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa**. Revista Brasileira de Educação, Porto Alegre, v. 23, 2018, p. 1-23. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782018230032>>. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 19-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MÜGGE, Ernani; SARAIVA, Juracy et al. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.